

## Quando o Verso Encontra a *Timeline*: Rupi Kaur e as Novas Formas de Publicação e Leitura de Poesia no Instagram<sup>1</sup>

Helvio de Araújo Caldeira JÚNIOR<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

O artigo em questão buscou discutir os processos de publicação e leitura do que vem sendo chamado de *instapoesia* com base no trabalho da poeta Rupi Kaur. O percurso se deu sob dois movimentos complementares: inicialmente, através de uma breve pesquisa bibliográfica envolvendo o ciberespaço, a poesia produzida pela nova geração de escritores e as interações online entre autor e seus leitores. Em seguida, por meio da coleta de registros das publicações da artista no Instagram, discutidas à luz do trabalho de Miriam Johnson, sobretudo com auxílio da noção de “*citizen author*” (JOHNSON, 2017). De forma geral, o intuito foi, a partir da amostra selecionada para análise, observar o estabelecimento de novas dinâmicas comunicacionais em torno da poesia no seio dos circuitos digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *instapoesia*; Rupi Kaur; literatura; ciberespaço; comunicação.

### INTRODUÇÃO

A rainha dos *instapoetas*. Em 2017, foram essas as palavras utilizadas pela revista estadunidense *Rolling Stone*<sup>3</sup> para se referir a Rupi Kaur, um dos maiores nomes da poesia difundida através das redes sociais nos últimos anos. Aos 27, a jovem canadense de origem indiana parece ter alcançado um sucesso e prestígio raros dentro do mercado editorial: até janeiro de 2022, acumula cerca de 4,4 milhões de seguidores em seu perfil principal, no Instagram<sup>4</sup>, publicações que giram em torno de 100 e 200 mil curtidas, um número de mais de 3,5 milhões de livros vendidos em todo o mundo — ultrapassa os 100 mil apenas no Brasil —, além de um feito inédito para um livro de poesias. Em um contexto no qual o gênero literário parece ter cada vez menos apelo entre os mais jovens, sua obra de estreia, “*Outros Jeitos de Usar a Boca*” (2014), permaneceu na lista dos mais vendidos do *The New York Times* por mais de 40 semanas, fruto de um sucesso que começou com postagens frequentes nas mídias digitais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação Digital e Tecnologias, do PENSACOM BRASIL 2021.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG, email: helviocald@gmail.com.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2Ypxw80>. Acesso em: 22 dez. 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3j738XW>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Isso porque, em 2013, Kaur decidiu seguir um caminho incomum a respeito da publicação de seus versos autorais. Em vez das agências literárias e a procura por editoras interessadas, viu no Instagram a possibilidade de alcançar novos leitores, além do desejo pessoal de tornar a poesia mais acessível, sobretudo entre os jovens adultos. De lá para cá, compartilha com seus seguidores poemas que variam entre o diário e o semanal, em um estilo simples que mescla particularidades da escrita punjabi e o uso cotidiano do inglês. Nos textos, acompanhados por ilustrações próprias, os temas costumam variar entre reflexões sobre o amor, a perda, o trauma, a família e a ancestralidade. Em todos eles, a poeta faz questão de ressaltar sua origem indiana e a experiência como uma mulher não-branca que vive no Canadá desde os três anos.

Como consequência da notoriedade nas redes sociais, a publicação do primeiro livro de poemas, “Outros Jeitos de Usar a Boca” (“*Milk and Honey*”, no original), veio em 2014 de forma independente, mas logo chamou atenção da editora estadunidense *Andrews McMeel Publishing* por conta das vendas. De forma resumida, a coletânea reúne textos poéticos sobre a dor, o amor, a ruptura e a cura, tudo em divisões bem demarcadas sobre cada estágio desse processo. Já o segundo, de título “O Que o Sol Faz Com as Flores” (em inglês, “*The Sun and Her Flowers*”), e o terceiro, “Meu corpo Minha Casa” (do inglês “*Home Body*”), foram publicados respectivamente em 2017 e 2020 e seguem a proposta do material de estreia, se distanciando apenas no que diz respeito à sua divisão. Hoje, além do trabalho com o Instagram, as três obras lhe rendem turnês com recordes de público em países como Índia, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, performances em que declama alguns poemas para sua legião de fãs.

Para além do êxito mercadológico e o título de escritora da década<sup>5</sup>, ao ganhar proporção mundial, o fazer poético de Rupi Kaur tem fomentado uma série de debates em direções diversas do campo cultural. À conhecida discussão acerca do que seria a alta e baixa literatura, por exemplo, somam-se críticas acerca de uma figura que caminha entre o status de celebridade e poeta, bem como os traços típicos de seu texto. Em um vídeo sobre a participação da autora no *talk-show* “*The Tonight Show Starring Jimmy Fallon*”<sup>6</sup>, tal desaprovação se materializa em comentários como “Ela não é sequer uma poeta. O que ela escreve são apenas coisas que você leria no Twitter” e

---

<sup>5</sup> Em um artigo de 2019, a revista norte-americana *The New Republic* afirmou que, com menos de 30 anos, Rupi Kaur é a escritora da década. O título veio sob a justificativa de que, além do impacto cultural de seu trabalho, a artista parece conhecer bem os modos de leitura dessa e das próximas gerações.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3j2P8OM>. Acesso em: 22 dez. 2021.

“Um monte de posts do Tumblr embrulhados em brochura. É tudo o que eu tenho a dizer” (tradução nossa) — o que revela a controvérsia com a qual sua obra é encarada.

Em outra direção, a utilização do termo “*instapoeta*” para nomear a geração de novos autores que se utilizam do Instagram para publicar também parece sugerir uma diferença entre o modo de trabalho de autores que se posicionam fora das redes e os “poetas de internet”, quando não seus próprios conteúdos, algo similar ao que ocorre com as *fanfictions* (ficções criadas por fãs a partir de personagens já existentes). Mas, afinal, direcionando menos o olhar à dimensão formal dos poemas em si, o que haveria de tão distinto para justificar tal categorização a um subgênero à parte? Em outras palavras, o que o perfil de Rupi Kaur pode nos revelar sobre as especificidades da publicação e consumo de poesia no Instagram? Foram essas as questões de interesse do trabalho em questão, que pretendeu, ainda que de modo breve, verificar as particularidades da chamada *instapoesia* da autora, destrinchando-a ao longo das próximas páginas.

### **A INSTAPOESIA COMO SUBGÊNERO EMERGENTE**

Como destacado anteriormente, para entender alguns aspectos da poesia de Rupi Kaur e sua recepção pelo público, analisaremos um conjunto de postagens difundidas por meio de sua conta no Instagram. Para tal, no entanto, é preciso dar um passo atrás e discutir o fenômeno da chamada “*instapoesia*”, do inglês “*instapoetry*”, até mesmo para localizar a produção da artista dentro de um movimento mais amplo. Segundo Oliveira e Fazano (2020), de forma sucinta, o movimento é o reflexo de uma geração de autores que têm, dentro da globalização cultural, transformado a relação com seus leitores via Instagram. “Inserida nesse novo paradigma social, a *instapoetry* nasce como um subproduto das postagens em redes sociais, para se tornar, em pouco tempo, um gênero digital emergente” (OLIVEIRA; FAZANO, 2020, p. 1163).

Tais autores, como chamam atenção os nomes acima, são usuários que se valem das potencialidades das redes para se lançarem como poetas. Aqui, no entanto, mais do que uma forma de mera divulgação, a própria mídia social assumiria o papel de meio de trabalho, permitindo a exploração de certos recursos característicos de sua proposta. Como consequência, o que se tem são textos literários voltados para o consumo via smartphone: versos curtos e poemas de linguagem simples, mesclados a elementos gráficos como imagens e ilustrações. O minimalismo com o qual os textos são

produzidos e o uso frequente de ilustrações, assim, acabam permitindo um alcance muito maior entre seus seguidores.

Ainda que seja um exercício literário complexo, ao se distanciar de uma postura intelectual marcada pela soberba e pretensão artística, a poesia feita através da Web traz consigo apenas o interesse no entusiasmo e prazer do leitor, algo evidenciado por Prado (2016). Para ele, o que chama de poesia viral revela uma face importante da literatura contemporânea, que instiga por se aproximar do descartável e inartístico — e, portanto, abala a suposta ideia de que o fazer literário deve ser algo distante.

O que há, verdadeiramente, é a necessidade de atualização que rege um fenômeno como a internet de modo incontornável. O que há, verdadeiramente e por fim, é a necessidade de se evitar qualquer preconceito para que possamos enfocar os reais desafios que se apresentam para aquele que lê, bem como para aqueles que pretendem refletir sobre o que se lê, seja por meio de estudos críticos, seja por meio da mediação de leitura em sala de aula. (PRADO, 2016, p. 33-34)

Vale mencionar que, não raramente, quando realizados por autoras mulheres, é comum que esses materiais online venham acompanhados de certo teor feminista e viralizem ao abordar temas associados ao movimento das mulheres em tom poético e acessível. No caso específico de Rupi Kaur, tal constatação pode ser exemplificada com base em algumas postagens ao longo do ano de 2020: no dia 6 de março, por exemplo, houve a publicação do poema “*women of color*”<sup>7</sup>, que diz: “nossas costas/contam histórias/que nenhum livro tem/lombada para/carregar”<sup>8</sup> (tradução nossa). Já dois dias depois, em 8 de março, compartilhou um texto de título “legado”, cujo conteúdo faz referência às gerações de mulheres anteriores e posteriores à sua: “eu fico de pé/sob os sacrifícios/de um milhão de mulheres antes de mim/pensando/o que eu posso fazer/para tornar essa montanha mais alta/para que as mulheres depois de mim/possam ver além”<sup>9</sup> (tradução nossa).

O processo de difusão dos conteúdos, por sua vez, geralmente está ligado ao campo dos comentários, com usuários que marcam os amigos para conferirem a

---

<sup>7</sup> Reproduzo o título no idioma original sob a justificativa de não reduzi-lo ao literal “mulheres de cor” ou expressões similares. “O termo se refere a mulheres não brancas nos EUA, Inglaterra e Canadá” (CALDWELL, 2000, p. 1).

<sup>8</sup> Do original: “*our backs/tell stories/no books have/the spine to/carry*”. Disponível em: <https://bit.ly/2QtUHTK>. Acesso em: 26 dez. 2021.

<sup>9</sup> Do original: “*i stand/on the sacrifices/of a million women before me/thinking/what can i do/to make this mountain taller/so the women after me/can see farther*”. Disponível em: <https://bit.ly/3lus7Xh>. Acesso em: 26 dez. 2021.

publicação, bem como o compartilhamento da poesia no próprio perfil de quem o acessa, via *stories* ou *feed* de fotos. Junto da mensagem em si, esse comportamento funciona como um modo de promover a conta original da poeta, já que todos os poemas são devidamente assinados. Uma breve passagem pelos textos mencionados, por exemplo, indica que ambas as poesias obtiveram mais de 200.000 curtidas e cerca de 700 comentários, provavelmente vindos de um público que ela admite ser, em sua maioria, composto por jovens mulheres. Sendo assim, ao se utilizar do Instagram como principal espaço de trabalho, não parece equivocado assumir que a artista também se beneficia da força da plataforma, o que certamente contribui para que sua mensagem chegue ao maior número possível de mulheres em todo o planeta.

### **AUTOR CIDADÃO: TENSIONANDO DISCURSOS SOBRE O LIVRO NA ERA DIGITAL**

A percepção de que as redes sociais têm expandido certas dinâmicas de autoria e publicação literária ocupa papel central na obra de Miriam Johnson (2017), pesquisadora cuja carreira é dedicada à interseção entre escrita criativa, mercado editorial e o papel das plataformas digitais na formação de comunidades em torno do livro. Não à toa, é sua a ideia de que, nas últimas décadas, espaços online como o Instagram e Wattpad vêm fomentando um tipo específico de escritor, marcado por novas formas de acesso à aldeia global, bem como outra intimidade com um público também mais ativo: o chamado “*citizen author*” – traduzido ao longo deste trabalho como “autor cidadão”. Em sua concepção, trata-se de “alguém que abraça as novas tecnologias digitais para produzir seus próprios trabalhos, cria novas redes, comunidades e seguidores, contornando os mecanismos de controle da indústria editorial” (JOHNSON, 2017, p. 3, tradução nossa<sup>10</sup>).

Quanto aos locais nos quais publicam, independente da alternativa, todos costumam conservar a facilidade geral de cadastro ao exigirem somente um dispositivo conectado à internet e um e-mail para registro do usuário. É o caso dos blogs, por exemplo, junto às plataformas de áudio (muitos poetas, aliás, utilizam o Spotify para recitarem seus textos) e serviços para autopublicação de *fanfics*, sem contar as redes sociais de uso geral ou específicas para finalidades literárias. Neles, Johnson explica que

---

<sup>10</sup> Do original “*someone who embraces the new digital technologies to produce their own works, create new networks, communities, and followers, bypassing the gate-keeping mechanisms of the publishing industry*”.

o gênero mais escolhido por parte dos escritores é a poesia, mesmo quando o usuário não possui certo domínio ou contato prévio com o tipo de linguagem. A falta de “inclinações poéticas”, nesse sentido, não seria um problema para atrair os interessados em pílulas reflexivas para curtida e compartilhamento rápidos.

O contato com os leitores, por sinal, também parece repleto de particularidades que o diferenciam do realizado fora das redes, em parte por ação das plataformas. Isso porque, para a teórica, espaços das mídias sociais como o campo de comentários acabam por estimular trocas mais horizontais, além da vantagem de ocorrerem em tempo real: se porventura um texto não agrada, o autor é instantaneamente notificado, o que funciona como termômetro para que ele persista ou modifique suas produções futuras. “Isso cria um ambiente ‘relativamente seguro onde as ideias podem ser testadas e debatidas’, o que, por sua vez, cria uma comunidade mais unida que irá apoiar um autor e alegremente compartilhar e promover seus trabalhos favoritos” (JOHNSON, 2018, p. 9, tradução nossa<sup>11</sup>).

Vale evidenciar que, enquanto traça uma genealogia concisa do termo, sua cunhadora chama atenção para o risco de reduzi-lo à figura do autor autopublicado que o antecede historicamente, pois este, embora detivesse os direitos do próprio trabalho, muitas vezes não conseguia alterar o modo como os acordos editoriais se davam: ao publicar e vender suas próprias obras, por exemplo, chegava a subverter o sistema tradicional de publicação, embora não o bastante para contornar a lógica da indústria editorial. Já o espaço online ocupado pelos autores cidadãos, a seu ver, possibilitaria não apenas a independência diante das grandes companhias do ramo, mas o surgimento de novas definições e discursos até mesmo sobre o que é considerado um livro — rearranjando, assim, a posição de quem escreve e quem lê em relação às editoras.

## **RUPI KAUR, POETA NA REDE**

Como salientado, este trabalho procurou, à luz de reflexões acerca da interseção entre poesia e cibercultura, reconhecer no perfil de Rupi Kaur<sup>12</sup> aspectos que revelassem possíveis especificidades do seu ofício como poeta com foco no Instagram. Para tal, a

---

<sup>11</sup> Do original “*This creates a ‘relatively safe environment where ideas can be tested and debated’, which in turn, creates a more tightly knit community that will stand behind an author and happily share and promote their favourite works.*”

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/rupikaur/>. Acesso em: 26 dez. 2021.

abordagem do exercício proposto se inspirou em investigações de caráter netnográfico (MONTARDO, JUNG ROCHA, 2005), além de ter como base publicações realizadas pela artista na rede social ao longo de 2020 e 2021. Diante da vastidão de materiais disponíveis, o estudo dos conteúdos foi norteado por dois eixos de análise, que se debruçaram sobre: 1) os *instapoemas*; 2) formas de interatividade promovidas por ela.

## OS INSTAPOEMAS

A simplicidade e o alto teor emocional parecem bons pontos de partida para compreender o trabalho poético de Rupi Kaur. Em todo o conjunto da obra presente em sua conta, essas duas características se manifestam tanto no conteúdo quanto na forma dos poemas: textos constituídos por versos curtos, linguagem acessível e predominância do idioma inglês – o que certamente facilita a adesão de um número considerável de usuários. No geral, os materiais trazem consigo reflexões que se assemelham a aforismos e circundam temáticas como autoestima, relacionamentos amorosos, resistência e empoderamento feminino. As pílulas minimalistas ainda contam com breves legendas, que, quando não complementam a poesia, revelam detalhes sobre sua escrita ou contêm mensagens para o leitor.

Imagem 1 - Captura de tela feita pelo autor a partir de publicação de Rupi Kaur.



Fonte: Instagram

Seja ao retratar questões de fácil identificação por parte do público ou estabelecer contato direto com ele através das legendas, o que Kaur faz é fomentar um

relacionamento íntimo com aqueles que a acompanham, intenção expressa ainda no uso recorrente dos pronomes pessoais em segunda pessoa. Na prática,

A estratégia textual de usar a perspectiva da segunda pessoa “você” incentiva o leitor a se identificar e ler o poema em um estilo de leitura relacionável. O uso do “você” não apenas facilita uma conversação entre leitor e locutor. Mas também pressupõe a identificação do locutor com o leitor ao significar uma experiência comum tanto do leitor quanto do narrador, fortalecendo a relacionabilidade do poema (ASSINK, 2019, p. 24, tradução nossa<sup>13</sup>)

A respeito da visualidade das poesias, a utilização constante de ilustrações autorais que acompanham os versos permite algumas inferências. É possível argumentar, em certa medida, que essa talvez seja a única forma encontrada pela artista para dar conta do apelo visual inerente à proposta do próprio Instagram, cujo intuito geral ainda é a postagem de fotos e vídeos por parte dos usuários. Em contrapartida, não há como negar que a inserção dos desenhos de Rupi facilita a decodificação da imagem mental criada pelo poema durante a leitura e que isso, pensando na agilidade com que este é consumido via *feed*, auxilia sua compreensão no dia a dia.

## **FORMAS DE INTERATIVIDADE**

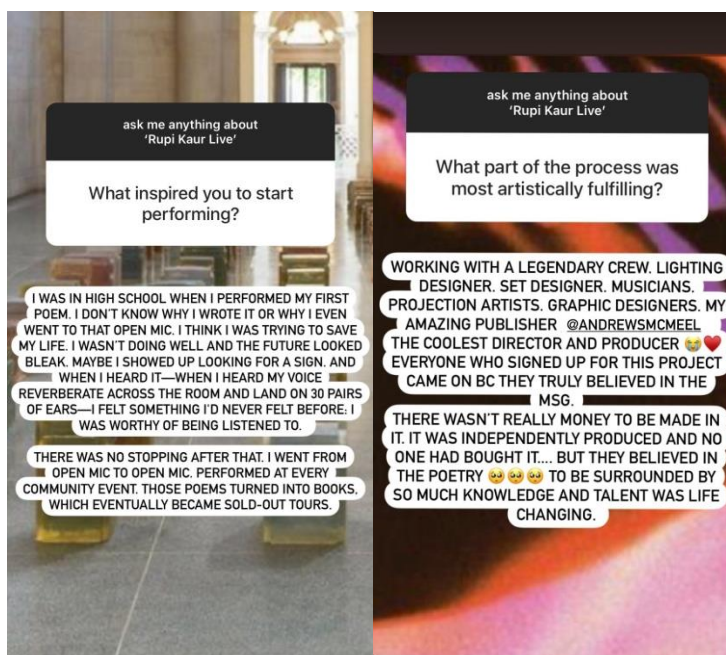
Ao que o perfil de Rupi Kaur indica, projetos e estratégias que incentivam o engajamento do público são tão importantes para a autora quanto os próprios poemas publicados semanalmente. Em especial nos seus *stories*, reservado a registros cotidianos de Kaur e seu círculo social, uma parcela das publicações costuma ser dedicada a sessões de perguntas e respostas com os leitores, que podem esclarecer dúvidas diversas sobre o processo criativo da artista, bastidores de eventos e lançamentos de novas obras, bem como curiosidades sobre sua vida pessoal. Muitas dessas postagens ainda são inseridas no campo de “destaques”, ação que pode ser compreendida como modo de nortear o acesso de quem já chega à sua conta com algumas dúvidas.

---

<sup>13</sup> Do original “*the textual strategy of using second person perspective “you” encourages the reader to identify with and read the poem in a relatable style of reading. Not only does the use of “you” facilitates a conversation between reader and speaker. But it also presupposes identification from the speaker towards the reader as it signifies a common experience of both reader and narrator, strengthening the relatability of the poem.*”



Imagem 2 - Captura de tela feita pelo autor a partir de publicações de Rupi Kaur.



Fonte: Instagram

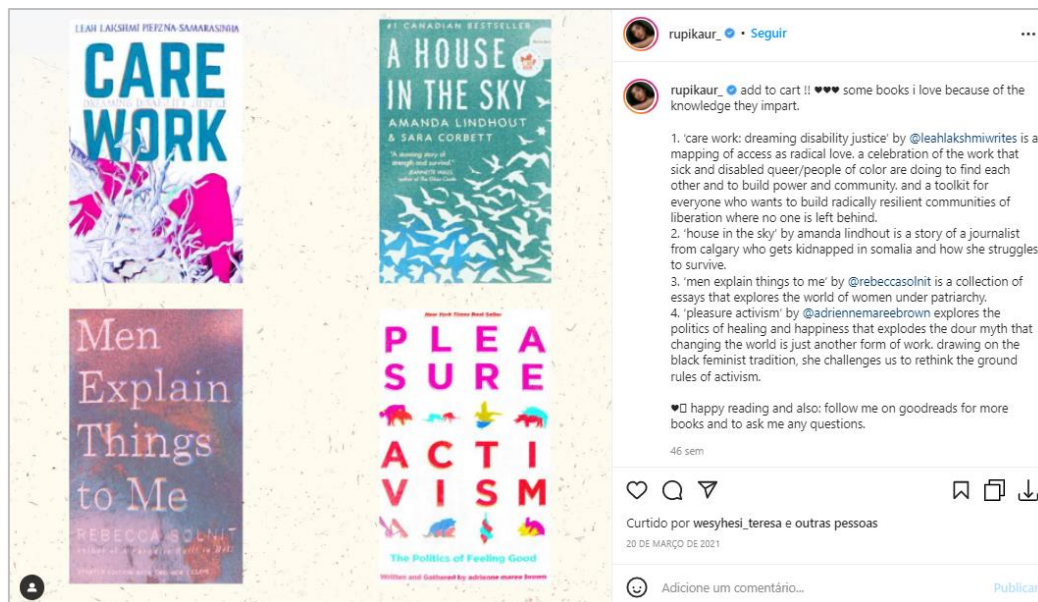
O exemplo acima, no entanto, é apenas um entre aqueles que comprovam que, dentro do contexto que faz da poesia um sucesso no Instagram, Rupi e seus leitores parecem adaptar seus tradicionais papéis à realidade 2.0, num processo colaborativo que acaba por reforçar a criação de comunidades entre os constituintes da audiência. Nessa mesma direção, outra notável iniciativa é o projeto “Irmandade do Livro Viajante” (tradução nossa<sup>14</sup>), divulgado na conta oficial de Kaur em 2021, cujo intuito foi fazer o exemplar de um de seus livros percorrer todo o território dos Estados Unidos, de forma a possibilitar que cada leitor que o recebesse em casa deixasse sua marca e o passasse para o próximo cadastrado na ação. Pertinente pontuar que, durante a ocasião, a escolha dos participantes se deu por meio do campo de comentários do *post* de lançamento da proposta.

Já as curiosidades a respeito dos hábitos de leitura da poeta podem ser sanadas com alguns cliques: quando não acontece por meio dos *stories*, basta que o usuário confira as curadorias literárias realizadas por Rupi via *feed*. Embora, durante 2021, as ocorrências tenham sido identificadas com menor periodicidade, pode-se dizer que dão

<sup>14</sup> Do original “*Sisterhood of the Traveling Book*”. Disponível em: <https://bit.ly/3p5OO6B>. Acesso em: 28 dez. 2021.

uma noção dos autores e narrativas que a acompanharam em determinados períodos do ano, como indica o registro a seguir:

Imagem 3 - Captura de tela feita pelo autor a partir de publicação de Rupikaur.



Fonte: Instagram

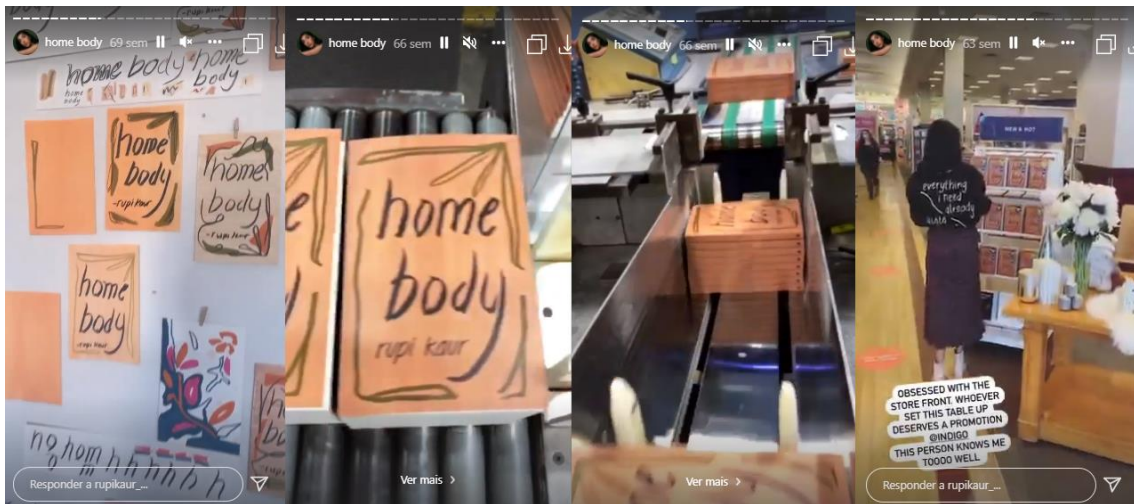
No circuito comunicativo em torno da poesia digital de Rupikaur, nem sempre está claro quem apenas escreve e quem apenas lê, se é que, como sugerido por Canclini (2008), faz sentido pensar tais processos como ligados a sujeitos específicos desse grande texto contínuo. Em seu caso, as tradicionais fronteiras que separariam, em tese, autores e leitores foram colocadas em xeque com mais precisão durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19 – período em que, para estimular o exercício de escrita enquanto ferramenta terapêutica, a poeta resolveu ministrar oficinas de criação literária para os milhões de seguidores. Nos encontros, os envolvidos foram indicados a publicarem seus próprios poemas utilizando a *hashtag* #writewithrupi<sup>15</sup>, que contou com 10,4 mil publicações até fevereiro de 2022.

A manutenção de um relacionamento horizontal é feita de modo rotineiro (a iniciativa #writewithrupi, inclusive, ocorreu mais de uma vez), mas ganha novos contornos a cada lançamento de um novo livro. Ao longo da publicação de “Meu Corpo Minha Casa” em 2020, por exemplo, a poeta fez questão de dividir os diversos estágios que sucederam a preparação de seu original pela editora, tais quais a testagem de várias

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/writewithrupi/>. Acesso em 8 fev. 2022.

alternativas para a capa, a impressão massiva nas gráficas, o recebimento do primeiro exemplar, o trajeto até a exposição da obra no dia em que foi lançada e suas inúmeras traduções publicadas – nesse caso, até mesmo com conteúdos escritos no idioma original do país em questão. Logo, o que à primeira vista soa como mera estratégia de marketing, por outro lado, também se revela um potencial caminho para entreter e aproximar o leitor da obra muito antes de ele a receber para leitura.

Imagem 4 - Captura de tela feita pelo autor a partir de publicações de Rupi Kaur.



Fonte: Instagram

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa breve recapitulação do exposto no trabalho, o exercício realizado pelo presente artigo surgiu de inquietações sobre a poesia de Rupi Kaur no Instagram, parte do que popularmente se entende por *instapoesia*, sobretudo os aspectos que supostamente a afastariam do fazer poético fora das redes. Para auxiliar a investigação sobre seu trabalho, optou-se por analisar seu perfil na mídia social tanto a partir dos próprios poemas quanto das estratégias evocadas pela poeta para se aproximar de sua audiência, de modo a compreender os diversos caminhos pelos quais ambos interagem no ciberespaço.

Dos materiais literários aos diálogos promovidos na conta de Kaur, a análise revelou que a mesma lógica que rege as demais relações no Instagram, assim como mídias similares, também acaba recaindo sobre o ofício da poeta. Na criação literária, isso se materializa em poemas simples, de curta extensão e que, muitas vezes, vêm acompanhados por elementos visuais, em adesão à proposta original da plataforma. Já na relação com os seguidores, por sua vez, no uso constante de recursos que

possibilitam um contato mais próximo e horizontal com o público, algo parecido com o realizado pelas chamadas celebridades virtuais.

De todo modo, independentemente do olhar desaprovador de uma parcela expressiva dos críticos, encarar a emergência poética em novos suportes pode ser uma forma estimulante de observar o hibridismo natural entre tecnologia e literatura que marca nosso tempo. Ou, mais especificamente, uma oportunidade de reconhecer a *instapoesia* não como futuro único das produções poéticas que a antecedem, mas uma possibilidade legítima de apresentação do gênero para novas gerações de leitores. Afinal, em meio a profundas transformações literárias na era da informação, não faz sentido “validarmos os textos literários na internet a partir de critérios pertencentes à literatura impressa, fechando-nos em mais um ciclo que valoriza a hierarquia de textos impressos em detrimento dos textos que circulam pelos meios digitais” (SALES, 2017 p. 739).

## **REFERÊNCIAS**

ASSINK, M. L. **Instapoetry and its Online Transnational Activism**. Dissertação (Mestrado). Utrecht University, 2019.

CALDWELL, K. L. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, 2000.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

JOHNSON, M. J. **Digitally-social genre fiction: citizen authors and the changing power dynamics of writing in digital, social spaces**. Textual Practice, v. 34, p. 399-417, 2018.

JOHNSON, M. J. **The Rise of the Citizen Author: Writing Within Social Media**. Publishing Research Quarterly, v. 33, n. 2, p. 131-146, 2017.

MONTARDO, S.P.; JUNG ROCHA, P. **Netnografia: Incursões metodológicas na cibercultura**. E-Compós (Brasília), v. 4, p. 1-22, 2005.

OLIVEIRA, U.; FAZANO, B. **O gênero instapoetry e a inteligência coletiva**. Revista de Estudos da Linguagem, 2020.

PRADO, M. R. do. **Faces da literatura contemporânea: o caso da poesia viral**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. I, 2016, p. 19-47.

SALES, A. F. **Poesia pra dar e vender: a divulgação dos poemas de Ana Guadalupe nas redes sociais**. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 7, 2017, Recife. Anais [...]. Recife: UFPE, 2017, p. 737-749.